

## Língua portuguesa Coesão em debate em Congresso da Universidade de Coimbra

Pág. 2/3



Educar para uma  
identidade 'dialógica'

Pág.3

Documentário  
A pintura  
está viva

Pág.4

Cátedra  
Margarida  
Cardoso em  
Nápoles

Pág.4

Homenagem  
a Bénard  
da Costa  
na Coreia

Pág.4

## Língua portuguesa Coesão em debate em Congresso da Universidade de Coimbra

«Daqui a 100 anos vamos todos falar português?». O ‘todos’ refere-se aos portugueses, brasileiros, angolanos, moçambicanos e restantes populações dos países de língua oficial portuguesa e a interrogação resume «o grande desafio» que, na opinião de Carlos Reis, professor da Universidade de Coimbra (UC), se coloca nos nossos dias à língua portuguesa (LP).

A questão da coesão da língua portuguesa será certamente um dos tópicos a serem debatidos no Congresso ‘Língua Portuguesa: Uma Língua de Futuro’, no quadro do tema ‘Pluralidade e diversidade da língua portuguesa’, um dos 5 «temas estruturantes» a serem objeto de comunicações no fórum que, com a parceria de, entre diversas entidades, o Camões, I.P., a UC organiza em Coimbra, de 2 a 4 de dezembro, próximo, no âmbito das comemorações dos seus 725 anos.

Segundo Carlos Reis, coordenador da comissão executiva do Congresso e um reputado especialista da literatura portuguesa dos séculos XIX e XX, em particular no domínio dos estudos queirosianos, subjacente ao espírito deste fórum «está a ideia de que a UC, como a universidade mais antiga do espaço da língua portuguesa, deu ao longo dos séculos um grande contributo para o desenvolvimento, a evolução, a estabilização e o estudo da língua portuguesa».

Mas para a organização do Congresso está também a preocupação de «ordem política, no sentido mais nobre do tema», quanto à «importância estratégica da língua portuguesa enquanto língua de conhecimento», um aspeto em que o atual reitor da UC, João

Gabriel Silva, «insiste muito», no dizer de Carlos Reis, e que se traduz no facto de o tema ‘A língua portuguesa como idioma de conhecimento científico’ ser um dos 5 temas do Congresso e de uma das suas conferências plenárias (do catedrático da Universidade Nova de Lisboa João Costa).

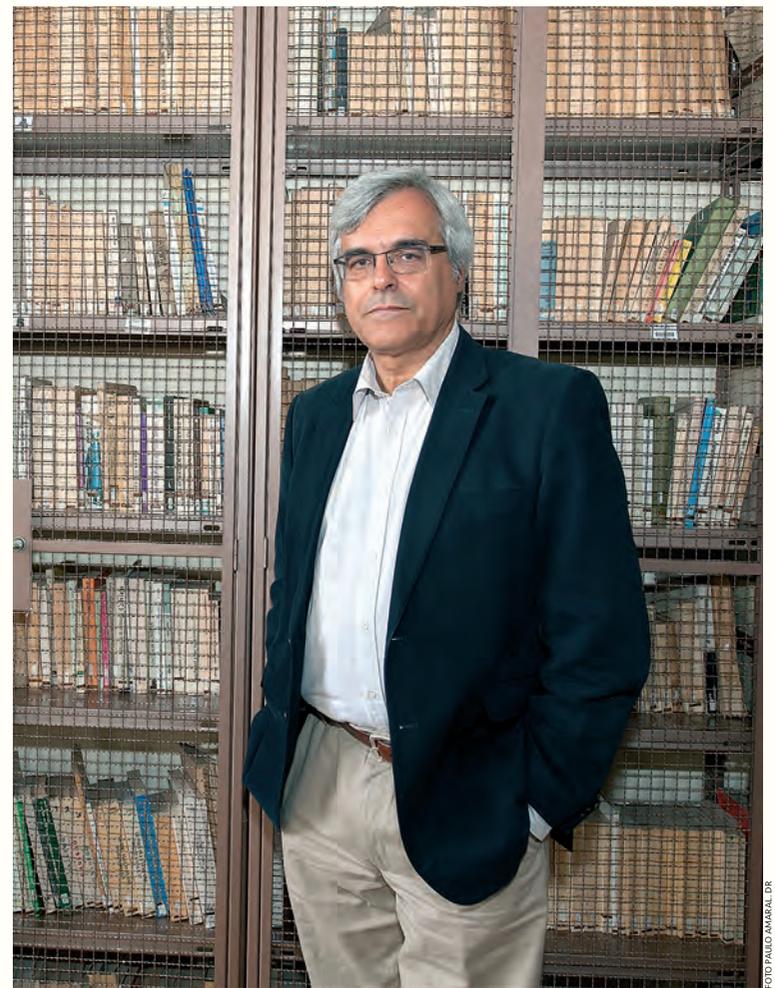
Explanado a questão, Carlos Reis considera que «sem colocar nenhuma ressalva contra nenhum idioma, (...) às vezes esquecemos que o espaço da língua portuguesa é considerável, já capaz de produzir conhecimento em língua portuguesa, circulável entre as instituições, os centros de investigação e as universidades, os investigadores, os académicos» e de «ser também – não direi uma alternativa – um lugar de língua científica paralelo ao inglês». Para o professor da UC, esta não é uma questão «propagandística», e «muito menos nacionalista». «Tem a ver com aspetos de natureza epistemológica, cultural e ideológica», diz. «Uma língua científica é uma língua que desenvolve conceitos, raciocínios, rotinas de investigação e que as desenvolve de acordo com determinadas atitudes culturais, visões do mundo, etc., que têm a ver com essa língua. Há coisas que dizemos em inglês, em francês, em português ou em espanhol, que dizemos de forma não apenas diferente linguisticamente mas plasmando outra imagem». «O português, como língua científica (...), tem a ver com o próprio desenvolvimento e afinação conceptual da língua». O estudo da língua em ligação com o conhecimento produz novos conceitos.

**LÍNGUA DO CONHECIMENTO**  
O antigo reitor da Universidade

Aberta e antigo diretor da Biblioteca Nacional rebate a ideia de que a defesa da utilização do português como língua do conhecimento científico ponha em causa o recurso ao inglês pela comunidade científica portuguesa e o esforço que esta fez nos últimos anos para se internacionalizar e inserir nos circuitos internacionais de publicações científicas. No entanto, para ele, em reuniões científicas de instituições dos países de língua portuguesa, «não vamos falar inglês». O uso do português nessas reuniões científicas obriga a «afinar conceitos» e a apurar se aquilo que tem uma determinada designação no português de Portugal corresponde ao que está no português do Brasil ou no português de Angola, explica. «Há aqui um esforço de consolidação pluricontinental da língua, sem pôr em causa as diferenças, a ver se nos entendemos em língua portuguesa».

Salvaguarda o professor universitário que, «para certos índices científicos, estatísticas sobre produção científica e rankings de investigação é preciso que as coisas apareçam em inglês». Mas Carlos Reis coloca essa questão num outro plano. «Não é preciso que toda a reflexão científica, mesmo entre gente do universo da língua portuguesa, decorra em inglês».

Esta procura do desenvolvimento conceptual da LP enquanto idioma do conhecimento acaba por ter uma ligação óbvia com as preocupações sobre a coesão da língua portuguesa no longo prazo, uma questão decorrente da ‘pluralidade e diversidade’ do idioma. A «intuição» do atual coordenador científico do Centro de Literatura Portuguesa da



Carlos Reis

Faculdade de Letras de Coimbra é que se não forem tomadas medidas, a LP pode fragmentar-se. «É isso que nós queremos? Eu não quero». No seu dizer, isso acontecerá tanto pela dispersão da língua portuguesa por 4 continentes – em contraponto, por exemplo, com a continuidade continental latino-americana do espanhol, da Califórnia à Terra do Fogo – como por opção política, sendo que «uma coisa arrasta a outra». «Na medida em que haja dispersão, essa dispersão gera (...) pressões internas e torna-se cada vez mais difícil afirmar mecanismos de coesão», afirma.

Carlos Reis admite que o Acordo Ortográfico (AO) de

1990 contribui para manter essa coesão, mas ele, «só por si, não pode fazer tudo. E esse é o grande problema». Do ponto de vista do professor de Coimbra, «nos últimos anos, nas últimas décadas, não houve uma política de língua», nem em Portugal, nem no Brasil nem na CPLP. «O único instrumento que se pensou e se desenvolveu e que, de uma forma muito tímida, muito receosa se procurou pôr no terreno foi o AO. Mas ele está – como dizem os brasileiros – ‘sozinho, no mato, sem cachorro’». Só por si, o AO não resolve «as tensões que emergem da diversidade da língua portuguesa», garante Carlos Reis.

## Camões, I.P. Promoção da Leitura na Era Digital na oferta de ensino a distância

«O curso em linha *Promoção da Leitura na Era Digital*, da responsabilidade da escritora e professora universitária Isabel Alçada e da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, vai passar a integrar a oferta de formação a distância do Centro Virtual Camões (CVC) no 1º semestre do ano letivo de 2015/2016.

O curso insere-se na formação destinada a professores de língua portuguesa, que inclui ainda na sua oferta neste 1º semestre o curso de *Didática do Português Língua de Herança*, disponibilizado gratuitamente no presente ano letivo aos docentes da rede de Ensino Português no Estrangeiro (EPE).

De acordo com sítio na internet do CITI, Centro de Investigação para Tecnologias Interativas da FCSH-UNL, «aprender a ler não é um processo natural, como aprender a falar ou a andar. É um processo complexo que exige bastante acompanhamento. Para conseguir ler bem, é necessário e indispensável dominar a técnica de leitura e criar uma relação positiva com os livros».

São as questões ligadas à aprendizagem da leitura que o curso dirigido por Isabel Alçada aborda, nomeadamente analisando «políticas, projetos e atividades de promoção da leitura junto de crianças, de jovens ou de adultos, para apreciar a qualidade

do respetivo impacto», aprofundando «a reflexão acerca da problemática da leitura na era digital», ao analisar as «implicações da utilização de recursos em diferentes suportes junto de crianças e jovens» e concebendo, programando e realizando «projetos de promoção de leitura, adequados a diferentes públicos, que envolvam um alargado uso de livros e de suportes digitais».

A plataforma de ensino a distância do Camões, I.P. vai também no 1º semestre de 2015/2016 oferecer pela primeira vez entre os 21 cursos disponibilizados dois cursos na área da cooperação, a realizar em colaboração com a UNAVE (Associação

para a Formação Profissional e Investigação da Universidade de Aveiro), assim como de um novo curso de português para estrangeiros nos níveis de proficiência A1/A2, especificamente dirigido a hispanofalantes.

Os destinatários dos cursos da área da Cooperação são, genericamente, «pessoas de qualquer área do conhecimento e de qualquer país que queiram envolver-se na cooperação internacional». Mais especificamente têm como público-alvo técnicos que trabalhem ou desejem vir a trabalhar na área da cooperação, nomeadamente oriundos da sociedade civil, visando dotá-los das competências básicas envolvidas nos

## O público-alvo

É diverso o público-alvo do Congresso 'Língua Portuguesa: Uma Língua de Futuro' que a Universidade de Coimbra organiza, com a parceria de várias entidades, entre as quais o Camões, I.P., de 2 a 4 de dezembro, próximo, em Coimbra, no âmbito das comemorações dos seus 725 anos.

Segundo o coordenador da comissão executiva do Congresso, o professor universitário Carlos Reis, à cabeça do público-alvo vêm dois grupos, que em parte se sobrepõem: professores – que são «aqueles que têm como profissão pensar a língua portuguesa em termos de futuro» – e investigadores, académicos que trazem o seu contributo de pesquisa, reflexão e diálogo com a comunidade científica.

Mas os organizadores do Congresso querem também trazer pessoas de outras áreas, «não apenas do ponto de vista de quem vai falar, mas do ponto de vista de quem vai ouvir, debater e apresentar as comunicações» propostas até 15 de agosto, data limite para a sua propositura. «Queremos trazer, por exemplo, informáticos, gente da área das ciências cognitivas, criadores, pessoas interessadas, pessoas cultas, o cidadão que se interessa pela língua». Ou seja, o Congresso quer trazer até si «um público diversificado».

Do ponto de vista geográfico, os organizadores têm estado a fazer um esforço de divulgação nos restantes países de língua portuguesa e gostariam mesmo «que houvesse até menos portugueses do que angolanos, brasileiros, moçambicanos, são-tomenses, cabo-verdianos e por aí fora». «Não queria que este fosse um Congresso sobre a língua portuguesa de Portugal», garante Carlos Reis, que indica estar previsto a edição das atas da reunião em formato digital e em papel.

## O PORTUGUÊS NA ERA DIGITAL

O coordenador da comissão executiva do Congresso reconhece contudo que o começo da publicação digital, em fevereiro deste ano, pelo Instituto Internacional de Língua Portuguesa (IILP), do Vocabulário Ortográfico Comum da Língua Portuguesa (VOC), que recolhe os vocabulários ortográficos nacionais dos países de língua portuguesa da CPLP, é «um fator de unificação possível». Critica mesmo os adversários do AO por ignorarem a existência do VOC e desvaloriza as muitas críticas públicas ao acordo, na ausência de defensores assumidos, falando nos «milhões» que já utilizam «tranquilamente» o Acordo Ortográfico – nas escolas, nos jornais, na televisão.

Mas se o VOC é importante para uma política da língua, no entender de Carlos Reis também o é «uma política sobre o ensino da língua portuguesa». Reconhece que «existem os instrumentos, os quadros de referência, etc., existem cursos, professores de língua portuguesa, língua segunda e existem investigações, etc., etc.», mas lança a interrogação sobre se «existe de facto um grande diálogo no grande espaço de língua portuguesa sobre questões de natureza didática», como seja, enuncia, «sobre a importância que a literatura tem para o ensino da língua» ou «os diferentes contextos do ensino da língua». É assim que o Congresso de Coimbra aborda, entre os seus 5 «temas estruturantes», «o ensino da língua e da literatura» e dedica uma das suas mesas redondas ao tema 'O ensino da língua portuguesa: desafios da diversidade, com a participação do brasileiro Carlos Alberto Faraco, do moçambicano Gregório Firmino e da portuguesa Maria Antónia Mota. Outros temas obrigatórios

pontuam ainda o programa do Congresso consultável em <http://uc725.uc.pt/>, a começar pela articulação do português com o mundo digital. Segundo Carlos Reis há que perceber «em que medida é que (...) a expansão da internet, o mapa mundial da internet, o mapa mundial da infoinclusão condiciona a LP». «A LP tem de ser pensada, como já é, mas cada vez mais, na era digital». Dá como exemplo da importância do digital o facto de o VOC ser feito nesse suporte, significando que «esta é uma ferramenta de que não podemos prescindir». Mas há ainda outras implicações, como seja, refere, a questão de saber «em que medida é que o facto de as crianças cada vez mais aprenderem a escrever diretamente num teclado de computador condiciona a sintaxe e a ortografia» ou em que medida o facto de os programas informáticos terem cada vez mais corretores incorporados condiciona a aprendizagem da língua.

As dinâmicas de inovação da LP são o quinto tema do Congresso que ganhará relevo na mesa-redonda 'O português como língua literária: inovação, pluralidade, diversidade', com a participação confirmada dos escritores Lídia Jorge (Portugal), Germano Almeida (Cabo Verde) e Luís Cardoso (Timor-Leste). De novo a mesma preocupação da coesão. 'Coesão' e não 'unidade', significando que a língua «tem consistência respeitando a diversidade». A questão é «em que medida a inovação literária ajuda, desafia, interpela a coesão da língua. Porque aos escritores não se pode impor que usem estas palavras e não aquelas. Faz parte, é da natureza das práticas literárias serem subversivas. Mas, a subversão das práticas literárias tem um limite que os escritores conhecem, que é o limite da comunicabilidade. É interessante ouvirmos o que é que os escritores têm a dizer sobre isto», sintetiza Carlos Reis.

## Jornadas do SPE Educar para uma identidade 'dialogica'

O papel da língua e da cultura «como fatores de integração ou de construção da identidade das crianças e jovens» dominou a intervenção feita em nome do Camões, I.P., a 24 de agosto, em Amarante, nas jornadas do Sindicato dos Professores no Estrangeiro (SPE/FENPROF) pela responsável da direção de serviços de língua e cultura (DSL/C) do instituto, Madalena Arroja, em que esta advogou uma educação que dê uma dimensão 'dialogica' a essa identidade.

«A educação para o caráter fundamentalmente 'dialogico' da identidade como traço essencial da vida humana, serão linhas estratégicas no processo de sedução das crianças e jovens para moldarem a cultura do futuro, sua e do(s) seu(s) país(es)», disse a diretora da DSL/C perante uma plateia constituída maioritariamente por professores da rede EPE (Ensino Português no Estrangeiro), a quem apresentou também um balanço atualizado da progressão do ensino da língua portuguesa no mundo, bem como da execução de políticas linguísticas na vertente internacional.

Abordando as questões da identidade nacional e da língua materna dos cerca de 117 mil alunos da rede EPE oficial e apoiada, que frequentam o programa de 'Português Língua de Herança', em 17 países de 3 continentes (Europa, América e África) e na Austrália, a diretora da DSL/C afirmou que «aceder a uma língua é aceder a maneiras diferentes de pensar, de conceber o tempo, o espaço, as relações humanas, as estruturas simbólicas, o imaginário, tanto mais profundas essas diferentes maneiras, quanto maior for a relação intersubjetiva entre a língua e a cultura e o seu falante». «O sujeito que aprende uma nova língua torna-se outro sem deixar de ser ele próprio (...), ao mesmo tempo que se interrogará sobre a sua própria identidade», considerou. Assim, em seu entender, «é imperativo que o ensino do Português não se limite a uma alfabetização simples, mas que se alargue a uma literacia de compreensão mútua e comunicação recíproca das riquezas culturais dos países envolvidos».

Desafiando as ligações entre língua e cultura e as suas condicionantes recíprocas, a responsável do Camões, I.P. indicou que «a ação linguístico cultural deverá ser simultânea, se não mesmo prévia, em relação às ações políticas e económicas, e estas devem, por seu lado, apoiar e favorecer aquelas», até porque, como frisou «a mundialização das comunicações e da economia está a desencadear assimetrias e perturbações novas».

### TRÊS VAGAS

Madalena Arroja caracterizou depois os «fluxos migratórios portugueses», distinguindo três componentes: «uma emigração de longo percurso, que



deixou Portugal há muito tempo e cujas novas gerações estão integradas ou inserida nas culturas das sociedades em que vivem, com conhecimentos residuais do português e, sob o ponto de vista cultural, cristalizados por ausência de contacto com a realidade coeva»; «uma emigração, também ela antiga, de caráter menos definitivo, posto se ter dirigido a países europeus»; e «uma emigração mais recente, uma grande parte de caráter laboral, uma parte de profissionais qualificados que, segundo investigação recente, por exemplo, no Reino Unido, vão trabalhar em bancos, empresas de aeronáutica e empresas petrolíferas».

Focando-se nos migrantes que «se fixaram e construíram as suas famílias nos países de acolhimento», a diretora da DSL/C defendeu que a socialização da criança através da escola local exige um «cuidado especial» no sentido de ela «falar a língua da escola, sob pena de ficar votada ao insucesso escolar e a sua integração se tornar problemática e comprometer o seu futuro». Por outro lado, disse, «uma normal socialização escolar integra as crianças nas respetivas culturas, como é desejável». Assim, «abraçarem a língua e cultura 'original' dos pais, ao mesmo tempo que são crianças cidadãs de uma outra cultura, exige um trabalho estreito entre pais e escola, entre pais e políticas linguísticas e culturais dos países de origem».

Madalena Arroja considerou que «a imagem positiva da cultura e da língua dos pais, em interação com a imagem positiva da língua e da cultura do país de acolhimento, será uma linha estratégica no processo de sedução das crianças e jovens para fazerem suas duas culturas».

«Não nos esqueçamos de que Portugal constitui um mosaico cultural, incorporando a contemporaneidade, a cultura histórica e a tradição, os saberes e os atos portadores de valor e de significação no presente que se vive! Cada um de nós, revendo a sua História, reconhece nela a importância do acolhimento e da apropriação de valores dos Outros e reconhece, afinal, a existência de momentos de impasse na construção da sua heteronímia de hoje por que se 'define', afinal, a sua identidade cultural».

mecanismos da cooperação para o desenvolvimento, incluindo a conceção de projetos e a estratégia da cooperação portuguesa para o desenvolvimento, dotada aliás, em 2014, de um novo conceito para o período até 2020.

O CVC, um dos instrumentos do Camões, I.P. – instituto criado em 2012 da fusão do Instituto Camões e do Instituto de Apoio ao Desenvolvimento –, que tem na sua esfera de competência a difusão e promoção da língua e da cultura portuguesa no estrangeiro e a cooperação para o desenvolvimento, tinha até agora apenas cursos na primeira daquelas áreas, agrupados em 4 grandes domínios: português

para fins específicos, português para estrangeiros, cursos de especialização (creditados com ECTS – Sistema Europeu de Acumulação e Transferência de Créditos) e formação contínua de professores.

Os novos cursos na área da Cooperação são *Introdução à Cooperação Internacional para o Desenvolvimento e Boa Governança, Cidadania e Direitos Humanos*. São entendidos como sendo apenas os primeiros desta área a serem disponibilizados pela plataforma de ensino a distância do Camões, IP.

Realce também para os cursos na área da cultura, a pós graduação especializada *Portugal e os*

*Pós-Colonialismos: conceitos, contextos, vozes*, a realizar em colaboração com o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e com a Cátedra *Eduardo de Lourenço* da Universidade de Bolonha, bem como o curso *Estudos Pós-Coloniais: Atlânticos Sul*.

Findas as inscrições para estes cursos, iniciadas a 14 de setembro, a seleção de candidatos decorrerá a 9 de outubro. O seu pagamento tem lugar entre 12 e 18 de outubro, eventuais substituições serão a 19 e 20 de outubro e o início dos cursos a 21 de outubro.

Para mais informação consultar a página na internet do CVC (<http://cvc.instituto-camoes.pt/>).

## Cátedra Margarida Cardoso em Nápoles



❗ A Università degli Studi di Napoli "L'Orientale" vai ter uma cátedra dedicada à investigação das disciplinas da língua e literatura portuguesa para os cursos de licenciatura e mestrado, que terá o nome da cineasta portuguesa Margarida Cardoso, a autora da conhecida transposição para a tela do romance de Lídia Jorge *A Costa dos Murmúrios*.

A criação da cátedra na Faculdade de Línguas e Literaturas Estrangeiras da Universidade de Nápoles, no sul de Itália, que terá como responsável a professora universitária italiana Livia

Apa, resulta de um protocolo de cooperação assinado em agosto passado entre aquela universidade e o Camões, I.P.

A cátedra Margarida Cardoso desenvolverá a sua atividade de investigação em três eixos temáticos: o da tradução literária, promovendo oficinas de trabalho com autores e tradutores; o do cinema e artes visuais dos países de língua oficial portuguesa, organizando retrospectivas e promovendo artistas portugueses e africanos em colaboração com galerias e museus existentes em Nápoles; e, por fim, uma reflexão sobre as especificidades da língua portuguesa em África, considerada também na sua dimensão social e política.

Funcionará ainda em colaboração com alguns centros de investigação existentes na *L'Orientale*, nomeadamente, com o Centro de Estudos sobre África Contemporânea, o Centro de Estudos sobre América Latina e o Centro de Estudos Pós-coloniais e de Género, bem como com outros fora de Itália.

Em cada ano contará também com a presença de um professor visitante para integrar as atividades didáticas.

Margarida Cardoso é uma realizadora cuja atividade artística se foca sobre a relação entre Portugal e a memória do seu antigo espaço colonial, desenvolvendo o seu trabalho nesta forma muito pessoal entre a ficção e o documentário.

Foi premiada com o 'Léopards de Demain' no 52º Festival de Locarno e a sua primeira longa-metragem *A Costa dos Murmúrios* estreou no Festival de Veneza - *Venice Days*, 2004. Nos últimos anos afirmou-se como um dos nomes mais consistentes do cinema português tendo sido, em 2005, agraciada com a comenda da Ordem do Infante Dom Henrique.

## Festival de cinema português na Coreia homenageia Bénard da Costa

❗ Até 30 de setembro está a decorrer em Seul, na Coreia do Sul, um festival de cinema português que homenageia a figura do antigo diretor da Cinemateca Portuguesa João Pedro Bénard da Costa, que faleceu em 2009 aos 73 anos.

O ciclo, que está a decorrer desde 8 de setembro, organizado pela Cinematheque/Seoul Art Cinema em cooperação com a Cinemateca Portuguesa e o apoio da Embaixada de Portugal e do Camões, I.P., apresenta um total de 17 filmes dos realizadores portugueses.

O público foi convidado a vir conhecer «uma beleza cinematográfica única», através do trabalho de cineastas portugueses emblemáticos como Manoel de Oliveira, João César Monteiro ou Pedro Costa, mas também «daqueles realizadores que são relativamente desconhecidos», «joias escondidas» como Paulo Rocha e a dupla António Reis / Margarida Cordeiro. Além destes, o ciclo apresenta trabalhos de Fernando Lopes, Francisco Ribeiro, João Botelho, Leitão de Barros e Manuela Viegas.

Mas o objetivo especial do festival é, nos 80 anos do seu nascimento, lembrar Bénard da Costa, que, «como diretor da Cinemateca Portuguesa e como um crítico notável, apoiou os trabalhos dos cineastas portugueses e, ao mesmo tempo, apresentou os filmes portugueses ao mundo com excelente discernimento e paixão incansável».

Para uma melhor compreensão dos filmes portugueses, o crítico Yoo, Un-seong preparou uma palestra sobre a realizadora Margarida Cordeiro.

## Semana das Culturas Estrangeiras em Paris



❗ Uma conferência do biólogo António Abreu, a projeção de um filme de Gonçalo Tocha e um ateliê animado por Madre de Deus dão corpo à participação de Portugal - organizada pelo Centro Cultural Português em Paris - na 14ª edição da Semana

das Culturas Estrangeiras, cuja temática é *Nos environnements*, de 28 de setembro a 2 de outubro.

## Documentário do espanhol José Gregorio Martín Buenadicha A pintura está viva



José Loureiro no seu ateliê Imagem do documentário *Olhares na Distância*

❗ Apesar dos seus grandes nomes vivos - Paula Rego, José Guimarães, Júlio Pomar - a pintura parece em perda de velocidade em Portugal, eclipsada pela visibilidade de criadores que apostam em instalações, fotografia, vídeo e outras manifestações pluridisciplinares nas artes plásticas. Mas o documentário *Olhares na Distância*, da autoria José Gregorio Martín Buenadicha, vem mostrar aquilo que Ricardo Nicolau, da Fundação de Serralves, diz no próprio filme e que o realizador espanhol cita: «a pintura não está morta e nunca deixou de estar viva».

A ilustrá-lo está a obra dos quatro pintores portugueses contemporâneos que o documentarista espanhol escolheu para foco do seu filme - Gil Heitor Cortesão (Lisboa, 1967), José Loureiro (Mangualde, 1961), Manuel Caeiro (Évora, 1975) e José Lourenço (Lisboa, 1975). O lançamento deste documentário (Portugal/Espanha, 2014, 45') «didático», oferecido ao Camões, I.P., que o patrocinou, para apoio às atividades da sua rede cultural (centros culturais e embaixadas e consulados) e de ensino e de promoção da imagem portuguesa, realiza-se amanhã, em Lisboa, no palacete Seixas, sede do instituto.

Apresentando os pintores portugueses desta nova geração, que



Obra de Manuel Caeiro Imagem do documentário *Olhares na Distância*

falam da sua obra, o documentário do realizador espanhol, rodado em português e legendado em inglês e espanhol, aborda ainda, através da recolha de uma série de depoimentos de pintores, críticos/jornalistas, curadores, galeristas, colecionadores e personalidades do mundo da gestão das artes, a opinião destes sobre a pintura portuguesa da atualidade, os problemas que se colocam à sua internacionalização, o mercado da pintura e a difusão da pintura nos meios de comunicação social.

Segundo José Gregorio Martín Buenadicha, o documentário surgiu -lhe de uma forma «inesperada», quando, para um outro filme seu

(*Coisas feitas à mão*), visitou a Feira Internacional de Pintura de Madrid - ARCO 2014 e descobriu «um mundo, até então desconhecido» para ele - a pintura portuguesa contemporânea. Foi aí que fez os contactos para este documentário.

A escolha destes 4 pintores para «dar visibilidade às novas tendências contemporâneas» da pintura portuguesa e às dificuldades que esta enfrenta para se internacionalizar é justificada pelo autor do documentário com o facto de aqueles criadores pertencerem a «uma mesma geração» e terem crédito no espaço internacional. Em resposta à pergunta sobre aquilo que os une para além da questão geracional, Buenadicha admite que possam também ser as múltiplas referências das suas obras à arquitetura, ou seja uma utilização do espaço real ou imaginário, inclusive tridimensional.

No dizer do realizador espanhol, «a estrutura do documentário é muito simples». Os participantes foram convidados a exprimir «a realidade atual, o papel que desempenham na divulgação, os problemas que o setor tem e as soluções que podem se adotar».

Quanto ao papel de museus e galerias na difusão desta pintura, José Gregorio Martín Buenadicha sublinha as diferenças e a complementaridade dos espaços. «Se as galerias são o primeiro degrau de nascimento de um pintor, os museus e as fundações são o melhor mostruário de difusão». «Não nos podemos esquecer que, graças à aquisição de fundos e à programação nos museus, a visibilidade desta pintura é uma realidade», acrescenta.

Em resposta à ideia que transparece no documentário de que a pintura portuguesa contemporânea tem um défice de visibilidade internacional (diferentemente da literatura, do cinema e da arquitetura), devido à pequenez do mercado e à ausência de apoios oficiais à internacionalização, Buenadicha defende que, sendo a globalização uma realidade, o acesso a novos palcos em que a cultura se apresenta obriga a participar em alianças. «A pintura ibérica deveria ter propostas coordenadas de visibilidade» e aceder aos mercados «de forma conjunta». «Espanha e Portugal têm um mercado no mundo, principalmente na América, que deveria ser promovido conjuntamente. Esse será o guião de meu próximo documentário», diz.

## Camões no Mundo

As inscrições nos cursos do Centro Virtual Camões - plataforma de ensino a distância do Camões, I.P. - decorrem até 8 de outubro. Para mais informação consultar a página na internet do CVC (<http://cvc.instituto-camoes.pt/>).

**Angola**  
Exposição e mesa-redonda sobre arquitetura com o tema *Angola Cinemas*, no Centro Cultural Português de Luanda. Inauguração a 29 de setembro.

### Argentina/Chile

Condor - exposição do fotógrafo João Pina no Centro de Fotografia de Montevideo (até 11 de outubro), e no Museu de la Memoria y de los Derechos Humanos, de Santiago do Chile (até 5 de dezembro).

### Reino Unido

Exposição sobre *Lenços de Namorados* organizada pelo *Camões Centre for Portuguese Language & Culture* e a *Adere-Minho*, de Vila Verde. Inauguração a 14 de outubro, no King's Building, Strand Campus



### Camões, I.P.

Av. da Liberdade, n.º 270  
1250-149 Lisboa  
TEL. 351+213 109 100  
FAX. 351+213 143 987  
[www.instituto-camoes.pt](http://www.instituto-camoes.pt)  
[jlencarte@camoes.mne.pt](mailto:jlencarte@camoes.mne.pt)  
PRESIDENTE Ana Paula Laborinho  
COORDENAÇÃO Paula Saraiva  
COLABORAÇÃO Carlos Lobato